

NEBULOSAS

NARCISA AMÁLIA

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO DE PESSANHA PÓVOA

APRESENTAÇÃO E POSFÁCIO DE ANNA FAEDRICH

2ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO, 2017



gradiva
EDITORIAL

POSFÁCIO

A LÍRICA DE NARCISA AMÁLIA: DIÁLOGOS, INTEMPÉRIES E ESQUECIMENTO

A mulher no século dezenove acha-se, portanto, emancipada, isto é, entra na posse de si mesma, conquista o direito divino de sua alma, em uma palavra, transfigura-se. O que lhe falta ainda para ser feliz? – À que está emancipada, pouco; mas à que está por emancipar-se, tudo. E neste caso está a mulher brasileira.

Entre nós a instrução, mesmo a mais elementar, tem até aqui constituído monopólio do homem. Ora, à medida que o homem sobe, a mulher desce, naturalmente, e essa diferença cria entre ambos uma profunda separação intelectual e moral que arrasta consigo todas as desordens do lar.

Narcisa Amália⁵⁰

Narcisa Amália de Campos nasceu no município fluminense de São João da Barra, no dia 3 de abril de 1852, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 24 de julho⁵¹ de 1924, aos setenta e dois anos. Republicana e abolicionista, a primeira jornalista profissional do Brasil publicou em 1872, aos vinte anos, 44 poemas em uma antologia intitulada *Nebulosas*, sua única obra lírica.

Nebulosas contou com prefácio entusiasmado de Pessanha Póvoa, que atribuiu pioneirismo a Narcisa:

“Narcisa Amália será a impulsora e o ornamento de uma época literária mais auspiciosa que a presente. Há de redigir os aforismos poéticos, como Aristóteles escreveu os da natureza. [...] Narcisa Amália não é um tipo, é uma heroína. [...] Este livro há de produzir tristezas e alegrias. É a primeira brasileira dos nossos dias; a mais ilustrada que nós conhecemos; é a

primeira poetisa desta nação. Delfina da Cunha, Floresta Brasileira, Ermelinda da Cunha Matos, Maria de Carvalho, Beatriz Brandão, Maria Silvana, Violante, são bonitos talentos. Narcisa Amália é um talento feio, horrível, cruel, porque mata àqueles. Foram as suas antecessoras auroras efêmeras; ela é um astro com órbita determinada”.⁵²

Póvoa lamenta o estado atual da poesia e vê em Narcisa Amália a esperança para a literatura contemporânea brasileira. Como de costume à época, o prefácio escrito por um escritor homem avalizava a literatura de autoria feminina, “autorizando” seu ingresso no mundo masculino das nossas letras. Pode-se verificar este endosso na recomendação que Póvoa faz da autora ao seu círculo de relações:

“Eu peço que julguem o livro de N. Amália, livro que ilumina a grande noite da poesia brasileira. Quando houver um Conselho de Estado ou um Senado Literário, Narcisa Amália terá as honras de Princesa das Letras. [...] Teófilo Braga, Luciano Cordeiro, Cesar Machado, Adolfo Coelho, Bulhão Pato, Gomes Leal, E. Coelho, Silva Túlio, A. de Castilho, Silva Pinto e Teixeira Vasconcelos, meus amigos, hão de deferir o seguinte requerimento: ‘Peço um lugar de honra no auditório das vossas glórias literárias para a autora das *Nebulosas*’”.⁵³

E assim foi. No jornal carioca *A Reforma*, de 13 de fevereiro de 1873, está anunciada a festa em homenagem à laureada autora de *Nebulosas*, praticamente como previu Póvoa – a “Princesa das Letras”, que receberia a lira de ouro:

“Vamos ter uma festa brilhante e digna da pessoa a quem ela é consagrada como homenagem. A comissão incumbida de entregar a lira de ouro à poeta das *Nebulosas* pretende dar baile, festa esplêndida e magnífica da qual será rainha a Corina, a Safo brasileira. Preparam-se discursos, versos, troféus e tudo quanto sirva de testemunho e de legítima oblata à distinta resendense, cultora das letras, tão justamente laureada. Muitas pessoas

dessa cidade serão convidadas, e o sarau modestamente denominado *festim literário* será uma bonita manifestação de apreço e de admiração pelos peregrinos dotes da gentilíssima Narcisa Amália.”

Ubiratan Machado registra com maior riqueza de detalhes a homenagem recebida por Narcisa Amália:

“Entusiasmados, os conterrâneos ofereceram à poetisa uma festa sem similar na história do romantismo brasileiro. A preparação foi minuciosa, criaram-se comissões incumbidas de organizar a subscrição popular, destinada a recolher uma importância suficiente para homenagear Narcisa com uma lembrança inesquecível. No dia 2 de março de 1873, no salão de honra da Câmara Municipal de Resende, feericamente iluminado e cheio de flores, reuniam-se mais de trezentos convidados, entre damas e cavalheiros. Às nove horas, uma salva de 21 tiros anuncia a chegada de Narcisa Amália. Conduzida ao salão nobre, recebe aplausos quase tão barulhentos quanto os tiros de canhão. Duas meninas lhe oferecem uma lira de ouro, uma coroa de louros e uma pena de ouro”.⁵⁴

Segundo a socióloga Maria de Lourdes Eleutério, Narcisa foi “um polo de força e vontade e de inspiração e realização para inúmeras vocações, e isto mesmo em condições desfavoráveis”.⁵⁵ Entre essas condições, estão o fato de que não descendia de uma família abastada – o que ampliaria o capital social e a aceitação no meio literário, como foi o caso da escritora carioca Albertina Bertha, por exemplo –, vivia do Ensino Primário, como professora, e ainda casou e se separou duas vezes, o que, à época, rendia às mulheres preconceitos de todo tipo.⁵⁶ Curiosamente, sofria preconceitos também por ser bonita e cortejada por muitos homens do meio intelectual, entre eles, os poetas Fagundes Varela, Ezequiel Freire e Otaviano Hudson. Considerava-se que beleza e inteligência não poderiam ser atributos de uma mesma mulher, como sugere o fragmento a seguir:

“Bonita, inteligente, jornalista e poetisa estimada e admirada nos meios literários, Narcisa Amália despertou grandes paixões; era compreensível que provocasse a ira de admiradores mais afoitos, por ela rejeitados. A sociedade da época ainda não estava acostumada a ver sobressair um talento feminino do porte de Narcisa Amália e se assustava.”⁵⁷

Em relação à sua produção literária, o maior preconceito enfrentado foi o de ter a autoria de seus poemas posta em xeque:

“Uma das acusações mais abjetas, incitada provavelmente pelo marido desprezado, parte de Múcio Teixeira, em ‘Memórias dignas de memória.’ Segundo o Barão de Ergonte, como também era conhecido o difamador, Narcisa Amália não seria a autora dos versos de *Nebulosas*, tendo estes sido feitos por um poeta desconhecido.”⁵⁸

Para João Oscar, a “atitude do ex-marido despeitado foi terrivelmente vergonhosa. [...] era uma infâmia, uma escabrosa mentira. Ninguém em Resende levou a sério tão sórdida difamação.”⁵⁹

Filha de Joaquim Jácome de Oliveira Campos Filho, mais conhecido como professor Jácome de Campos, e Narcisa Ignácia Pereira de Mendonça, também professora, Narcisa foi a primogênita de oito filhos: Rita Virgínia de Campos, Francisco Jácome de Campos, Henrique Jácome de Campos, Maria Amélia de Campos, Frederico Jácome de Campos, João Batista Jácome de Campos e Joaquim Jácome de Campos.⁶⁰ Segundo Eleutério, Narcisa não tinha “irmãos ou parentes que pudessem iniciá-la no mundo das letras através de salões” e esta seria “uma razão plausível para sua fugaz permanência no ambiente das letras.”⁶¹ Porém, há elementos que permitem uma interpretação diversa. Narcisa cresceu em um meio culturalmente rico, mesmo tendo vivido sem muitos recursos materiais. Seu pai, educador, poeta e jornalista, foi um homem de vasta cultura, colaborou nos diversos jornais da imprensa fluminense e paulista, além de ser cofundador e redator de *O Paraybano* (1859-1870), primeiro jornal editado em São João da Barra. Além disso, colaborou com o *Astro*



Retrato do professor Jácome de Campos, pai de Narcisa.

Resendense e o *Pirilampo*. Em janeiro de 1874, ele e outros jornalistas fundaram o jornal *Resendense*. De acordo com Fonseca,

“[...] a família conquistou o respeito de toda a sociedade e, em todas as atividades sociais, a presença do casal era imprescindível. Foram tantas as atividades do prof. Jácome que o Imperador D. Pedro II, em visita a Resende, em 16/10/1874, homenageou-lhe com a comenda da Ordem de Cristo, distinção imperial conferida aos mestres dedicados”.⁶²

Narcisa foi alfabetizada pelos pais professores aos quatro anos de idade. Conforme registro de Luiz Francisco de Veiga,

“aos seis anos, já sabendo ler corretamente, entrou para o colégio de D. Maria da Costa Brito e Azevedo, a fim de continuar o encetado estudo da gramática portuguesa e também para estar presa a um regime disciplinar, menos amoroso e indulgente do que a casa paterna, visto ser excessivamente travessa. Aos oito anos, começou seu estudo de música (arte que tem sempre cultivado) retirando-se do colégio aos dez anos, obtendo distinção em todos os seus exames”.⁶³

Ademais, estudou latim e francês, ainda em São João da Barra, com o padre Joaquim Francisco da Cruz Paula, e recebeu aulas de retórica de seu pai. Em Resende, no ano de 1865, com apoio do presidente da Câmara Municipal, Dr. João de Azevedo Carneiro Maia, seus pais criaram dois colégios, o Colégio Jácome para meninos e o Colégio Nossa Senhora da Conceição para meninas, que recebiam alunos do município e de cidades vizinhas.⁶⁴ Desde os treze anos, Narcisa auxiliava a mãe nos afazeres do ensino superior, ministrando às jovens do internato conhecimentos de cultural geral. Ao contrário de Eleutério, percebo que havia, sim, um ambiente favorável ao aprendizado, à cultura, ao interesse por línguas, à escrita, à iniciação no mundo das letras.

A influência do pai de Narcisa Amália era grande. O prefaciador da primeira edição de *Nebulosas*,⁶⁵ o intelectual Pessanha Póvoa,

renomado escritor e jornalista, por exemplo, era ex-aluno e admirador de Jácome Campos. Também o contato do pai com jornalistas amigos abriu as portas para Narcisa divulgar seus poemas nos jornais locais. Entre os jornais em que publicou, estão *Astro Resendense*, *Monitor Campista*, *Echo Americano*, *O Espírito Santense*, *Gazeta de Campos*, *Correio Fluminense*, *Tymburibá*, *A República*, *Correio do Povo*, *O Fluminense* etc.

Narcisa iniciou a carreira traduzindo contos e ensaios de autores franceses, como *História de minha vida*, de George Sand (pseudônimo masculino da autora Amandine Aurore Lucile Dupin, 1804-1876), *Romance de uma mulher que amou*, de Arsène Houssaye (conhecido pelo pseudônimo Alfred Mousse, 1815-1896), e *Os climas antigos*, do paleobotânico Gaston de Saporta (1823-1895). A reunião desses trabalhos resultou no seu primeiro livro publicado, o qual expandiu seu sucesso como tradutora.

Nebulosas foi seu primeiro livro de poesia. Nele, constam poemas ecléticos: líricos, de teor intimista; laudatórios comemorativos; dirigidos à natureza; e poemas de cunho social, em prol da abolição da escravatura. A produção poética de Narcisa Amália não fica aquém da de Gonçalves Dias, no que diz respeito à exaltação da natureza e ao patriotismo, nem da obra de Castro Alves, uma vez que seus poemas de cunho social e político são igualmente intensos e críticos.

Narcisa Amália não passou despercebida em sua época. Se por um lado a presença encantadora de Narcisa inspirou poetas como Raimundo Correia,⁶⁶ Damasceno Vieira⁶⁷ e Fagundes Varela,⁶⁸ sua obra lírica inspirou compositores como Antônio Martiniano da Silva Benfica e João Gomes de Araújo, com as músicas homônimas aos seus poemas “Recordações do Itatiaia” e “O africano e o poeta”, respectivamente. A seguir, a nota publicada em 30 de janeiro de 1875, no jornal *A Reforma*, discorre sobre a música composta por Antônio Martiniano da Silva Benfica. Trata-se de uma quadrilha, inspirada pela leitura do poema:

“Música – Recebemos uma quadrilha intitulada *Recordações do Itatiaia* composta pelo Sr. Antônio Martiniano da Silva Benfica. É uma bela e mimosa composição, que lhe foi inspirada depois

da leitura da poesia da nossa festejada poetisa Narcisa Amália, sob mesmo título; nessa composição mostrou o Sr. Benfica mais uma nova fase de seu vasto e cultivado talento. Agradecendo a oferta que nos fez de um exemplar, esperamos que continuará a oferecer aos seus numerosos apreciadores novas composições.”

Além de o Imperador Dom Pedro II ser seu admirador e fazer questão de conhecê-la em Resende, Machado de Assis escreveu sobre a sua obra poética na *Semana Illustrada*.⁶⁹ Ao mesmo tempo em que elogia os poemas de Narcisa Amália, Machado de Assis confessa seu receio inicial devido à autoria feminina do livro, revelando o preconceito de gênero comum à época. Como nos lembra Eleutério, “para as mulheres da República o sonho de publicar um livro era um projeto distante, a expressão feminina nesse período permanece circunscrita ao espaço privado”.⁷⁰ Nesse contexto, é compreensível a surpresa de Machado de Assis em relação à publicação de *Nebulosas* e, sobretudo, em relação à qualidade da escrita de Narcisa – por “seus predicados”, seu talento e sua visão crítica.

Outro caso curioso de se analisar é a transcrição feita desta crônica de Machado de Assis por Jean-Michel Massa (1930-2012), com a seguinte alteração na última frase: “[...] recomendando às leitoras as *Nebulosas*”. Tal equívoco foi encontrado na reunião de textos de Machado de Assis feita pelo francês Massa,⁷¹ estudioso de literatura cabo-verdiana, famoso por seu *Dispersos de Machado de Assis*,⁷² com tradução de Lúcia Granja. O perigo desse erro de transcrição está em sua reprodução indevida, já que muitos pesquisadores deixam de consultar o original por confiar no trabalho de seus pares.

A alteração de “aos leitores” para “às leitoras”, feita por Massa, muda muito a nossa interpretação sobre o que Machado de Assis consideraria literatura própria para mulheres. Mesmo que o equívoco esteja sendo identificado neste estudo, creio que a reflexão sobre esse dado significativo (ato falho?) ainda é válida, considerando que, à época, não era raro esse tipo de comentário. Podemos pensar em uma marca do cânone literário masculino que define as noções de gênero, de gosto e de temas para a produção literária. Qual seria a literatura própria às leitoras? E por que ela é diferente da literatura digna de

XXIII

ELLE A' MARQUEZA DE BEBIMOMAILLE
29 de Mars de 1872.

Un cousin de vous m'a parlé hier, et m'a expliqué les événements de ces derniers jours. Il m'a affirmé que votre frère est réellement fou, par le moins un homme varié. Alors le cas change de figure; j'ai peine de ce manège.

Cependant je desirais ne jouer plus avec lui. Nous avons un adage, un rison qui dit: qui dort avec des enfants se reveille piessé. Evitons les caraminhoes de votre frère.

Avec ces conditions je suis prêt à faire la paix avec vous, car je vous aime encore et ardemment, ou (comme on dit dans la *Fabia*): „ No veux tant le porquier à ses porquinhes. “

Continuons notre amour de l'autre temps. Ne cuidons pas des personnes desuoiolées; ayons juise, et le future est à nous.

Repondez-moi.

Votre
Le même.
(Continúa).

NEBULOSAS

Com este título acaba de publicar a Sra. D. Narciza Amélia, poetisa fluminense, um volume de versos, cuja introdução é devida à penna do distincto escriptor Dr. Pessanha Povoá.

Não sem receio abro um livro assignado por uma senhora. É certo que uma senhora pôde poetar e philosophar, e muitas ha que neste particular valem homens, e dos melhores. Mas não são vulgares as que trazem legitimos talentos, como não são raras as que apenas se pagam de uma duvidosa ou apparente disposição, sem nenhum outro dote litterario que verdadeiramente os distinga.

A leitura das *Nebulosas* causou-me a este respeito excellente impressão. Achei uma poetisa, dotada de sentimento verdadeiro e real inspiração, a espaços de muito vigor, reinando em todo o livro um ar de sinceridade e de modestia que encanta, e todos estes predicados juntos, e os mais que lhe notar a critica, é certo que não são communs a todas as cultoras da poesia.

Ha, sem duvida, alguma pagina menos aperfeçoada, algum verso menos harmonioso, alguma imagem menos propria; mas, além de que estas senões melhor os conhecerá e emendará a auctora com o tempo, (e um talento verdadeiro não deixa de os conhecer e emendar), é antes de admirar que o seu livro não sahisse menos puro, dadas as condições de uma estréa.

Quizera transcrever aqui mais de uma pagina das *Nebulosas*; recejo estender-me de mais; limito-me a

dar algumas estrophes. Sejam as primeiras estas que se chamam *Saudades*, e que a leitora ha de sentir que o são.

Tenho saudades dos formosos lares
Onde passei minha feliz infancia;
Dos valles de dulcissima fragrancia,
Da fresca sombra dos gentis palmares.

Minha plaga querida! inda me lembro
Quando, através das nevoas do occidente,
O sol nos acenava adeus languente
Nas balsamicas tardes de setembro.

Lançava-me correndo na avenida
Que a lurangeira enchia de perfumes.
Como escutava tremula os queixumes
Das aguas na lagoa adormecida!

Eu era de meu pae, pobre poeta,
O astro que o porvir lhe illuminava;
De minha mãe que louca me adorava
Era na vida a rosa predilecta.

Mas...

... tudo se acabou. A trilha olento
Não mais peccorrerei desses caminhos
Não mais verei os miseros anginhos
Que aqueciam na minha a mão algente!

Vê o leitor a harmonia natural destes versos, não menor nem menos suave que a destas estrophes da *Confidencia*, versos a D. Joanna de Azevedo, de uma amiga a outra amiga:

Pensas tu, feiticeira, que me esqueço,
Que olvido a nossa infancia tão florida,
Que a tuas meigas phrases nego apreço?

Esquecer-me de ti, minha querida? !
Posso acaso esquecer a luz divina
Que rebrilha nas trevas desta vida?

Sem ti não tem o sol um raio terno,
Contigo o mundo trêdo—é paraíso,
E a taça do viver é mel eterno!

Oh! envia-me ao menos um sorriso!
Dá-me um sonho dos teus dourado e bello,
Que bem negro o porvir além diviso,
Que a existencia sem ti é um pesadello.

Crônica de Machado de Assis sobre *Nebulosas*, publicada na *Semana Illustrada*, em 29 de dezembro de 1872. [Segue na página seguinte]

São tristes geralmente os seus versos, quando não são políticos, (que também os ha bons e de energia não vulgar); a musa da Sra. D. Narcisa Amalia não é a alegria; ella mesma o diz na poesia que intitulou *Sadness*, e que transcrevo por inteiro, e será esta a ultima citação:

Meu anjo inspirador não tem nas faces
As tintas corallinas da manhã;
Nem tem nos labios as canções vivaces
Da cabocla pagã!

Não lhe peza na fronte deslumbrante
Coroa de esplendor e maravilhas,
Nem rouba ao nevoeiro fluctuante
As nitidas mantilhas.

Meu anjo inspirador é frio e triste
Como o sol que enrubescce o céu polar
Trahe-lhe o semblante pallido -- do anthiste
O acerbo meditar.

Traz na cabeça estemma de saudades,
Tem no languido olhar a morbidezza;
Veste a clamys eril das tempestades
E chama-se Tristessa.

Aqui termino as transcripções e a noticia, recom-
mendando aos leitores as *Nebulosas*.

M.

O BEIJAFLORE

Meu caro doutor.

E' desenganar: todos gostam de novidades, até eu
com ser creança.

Vendo os habitantes do Cosme-Velho o *mimoso*
beija-flor, que o omnipotente Sr. Greenough lhes deu
por festas do natal, desencadernaram em applauso do
doador uma quantidade tal de louvaminhas que era
mesmo uma cousa nunca vista, parecia ovação devida
a acto meritorio de ingente alcance e summo interesse
para esses desherdados do ferro-carril, entendido com
profusão em outros suburbios de salubridade muito
menos gabada que a do Cosme-Velho.

Aos primeiros vôos do *beija-flor*, disseram alguns
cosme-velhanos -- o diabo não é tão feio como se pinta;
o illustre botanico tardou, mas arrecadou; agora, sim,
tem ferias noossos calos e ha recursos contra os ardo-

res do sol e bategas das lagrimas da abbobada ce-
leste; já não precisamos do carroçáo do Bibi, nem
das suas mesquinhas duas unicas razões da manhã:
temos condução certa, permanente, invariavel de dez
em dez minutos. Honra a mister Greenough, a nata
dos respeitaveis irmãos de Jonathas.

Mil apoiados scaram, constituindo um só estrondo
do mais repercutido trovão.

Triumphava o Sr. Greenough, não lhe parece,
Doutor?

Pois não foi completo o triumpho.

Uma vez e depois outra e mais umazinhas ainda
destoando das laudatorias, assentaram em declarar que
o nobre presidente da Botanical, com a presença do
beija-flor, ligando as Aguas Ferreas ás Larangeiras, o
que quer é dar mel pelos beijos dos cosmevelhanos até
que, privados do anachronico carroçáo, fiquem a pé e
a pé tomem os bonds na estação das Larangeiras, es-
tação em nome, porque o estimavel commendador Ay-
rosa ainda não denomina tal a sua cocheira.

Eu, Doutor, assisti a este debate e, se quer que
lhe diga a verdade, pertenco ao numero d'aquelles que
creem

Que o beija-flor concedido
Por mister Greenough pimpão,
Não é beija-flor duravel.
E' soleiane mangação.

Assim penso, meu caro Doutor, porque se o cesteiro
que faz um cesto faz um cento, quantos cestos u-
fará que tem feito mais de milhentos?

Mas sempre é bom esperar. De esperanças vive
homem até que morre.

Se o Sr. Greenough, que nos deu de festas o *beija-
flor* por um tostão de cada vez em que lhe voamos, li-
zazas, conservar o passaro hem empenhado até res-
ver-se a estender a linha ás Aguas Ferreas, per-
metto desde já, ainda que o facto se adio para as lu-
lendas gregas, dedicar-lhe uma ode pindarica ri-
d'aquella que começa:

" Assim deixou de Creta as cem cidades
O fabuloso mestre. "

O Doutor bem sabe que o dar anda nas ancãs
prometter e que nunca falta ao prometido o

Amigo velho

Cosme Novo.

Tip. do Imp. Illustr. Antistico -- Rua Primeiro de Março, n.º

leitores homens? É característico deste cânone excluir as mulheres enquanto sujeito do discurso e subverter a representação da imagem feminina.

Em 1889, em "Uma Carta", escrita a Alfredo Sodré, Narcisa Amália lamenta a dificuldade de uma mulher ser artista e talentosa naquela época:

"[...] como há de a mulher revelar-se artista se os preconceitos sociais exigem que o seu coração cedo perca a probidade,⁷³ habituando-se ao balbucio de insignificantes frases convencionais? Vitimada pela opressão, galé do círculo murado em que inutilmente se debate, a mulher inteligente acompanha com mágoa a extinção gradativa de sua fecundidade cerebral, seguindo com olhos rasos de pranto a inspiração que ala-se para sempre, movendo em largo voo sereno as asas flamejantes, menos feliz que a pomba da tradição bíblica, sem ter encontrado um ramo de loureiro onde por instante repousasse..."⁷⁴

Consciente da opressão sofrida e de sua inteligência, Narcisa sente todas as intempéries da trajetória intelectual feminina no Brasil.

É plausível haver heranças e conexões entre as posições e opiniões dos críticos das escritoras mulheres do século XIX e os mecanismos seletivos que operaram no cânone constituído pelos críticos do século XX. Como explicar que uma poeta do porte de Narcisa Amália, uma escritora de ideias libertárias e poemas de temática social, de notável e maduro teor crítico, não conste no cânone literário brasileiro?

Uma justificativa plausível para tal alijamento poderia ser encontrada no *valor estético* e na *temática* abordada por escritoras. Afinal, não é descabido pensar que as mulheres da época internalizavam a inferioridade forjada por uma sociedade patriarcal e assumiam alguns valores considerados tipicamente femininos, como afetividade, fragilidade, delicadeza, generosidade, submissão, superficialidade e subjetividade. Tais "valores femininos" se refletiriam no *valor estético* de sua literatura, tornando-a inferior à literatura escrita por homens, e na *temática*, voltada à vida doméstica, ao particular, tomada por

sentimentalismos, em contraposição ao caráter social, público e universal, considerados mais nobres, presentes na temática dos escritores.

Norma Telles analisa o embate desigual de forças na trajetória intelectual da mulher. As chances a favor dos homens acabam dificultando para que a mulher – sujeita à autoridade e à autoria masculina – perceba e transgrida as prescrições culturais:

“Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher no século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era a autora. As representações literárias não são neutras, são encarnações ‘textuais’ da cultura que as gera. Excluídas do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas à autoridade/autoria masculina.”⁷⁵

Face à hipótese de que a escrita de mulheres, por suas condições materiais e imateriais, é diferenciada da escrita de homens, cabe-nos, agora, entender por que ela é considerada inferior. Sendo assim, o problema dessa hipótese não está em *aflorar e fortalecer diferenças em vez de similaridades*, como bem observa Virginia Woolf, em *Um teto todo seu*. Se o poder criativo da mulher difere muito do poder criativo do homem, isso não deve ser visto como algo inferior, revelando, pois, que o problema está nos *instrumentos de medição para o que é superior*. Woolf observa que

“as mulheres permaneceram dentro de casa por milhões de anos, então a essa altura até as paredes estão impregnadas com sua força criativa, que de fato deve ter sobrecarregado tanto a capacidade dos tijolos e da argamassa que precisa se

atrelar a penas, pincéis, negócios e política. [...] Seria mil vezes uma pena se as mulheres escrevessem como os homens, ou vivessem como eles, ou se parecessem com eles, pois se dois sexos é bastante inadequado, considerando a vastidão e a variedade do mundo, como faríamos com apenas um? A educação não deveria aflorar e fortalecer as diferenças em vez das similaridades?”⁷⁶

Woolf afirma que as dificuldades materiais de escrita para as mulheres eram “infinitamente mais desconfortáveis”, entretanto, chama a atenção para as dificuldades imateriais, ainda piores:

“A indiferença do mundo, que Keats, Flaubert e outros homens geniais achavam tão difícil de suportar, não era, no caso dela [a mulher], indiferença, mas hostilidade. O mundo não dizia a ela, como dizia a eles: ‘Escreva se quiser, não faz diferença para mim’. O mundo dizia, gargalhando: ‘Escrever? O que há de bom na sua escrita?’ [...] Certamente já é hora de medir o efeito do desencorajamento sobre a mente do artista, da mesma forma como já vi uma fábrica de laticínios medir o efeito do leite comum e do leite tipo A no corpo de um rato. Eles colocaram dois ratos em gaiolas uma ao lado da outra, e um dos dois era furtivo, tímido e pequeno, e o outro era brilhante, corajoso e grande. Ora, e qual é o alimento com que alimentamos as mulheres enquanto artistas?”⁷⁷

A luta e o investimento para trazer à luz a produção feminina apagada por nossa história literária não avançará se o esforço for por mostrar que as mulheres escreviam *como os homens* e que, por isso, não deveriam ter sido excluídas. Mesmo que analisemos a poesia social e libertária de Narcisa Amália, assim como sua busca pela identidade nacional a partir da exaltação da natureza e da cor local, abrindo diálogos com poetas canônicos – Castro Alves e Gonçalves Dias, por exemplo –, não intencionamos atribuir valor à sua obra recorrendo aos instrumentos usuais de medição para provar que é superior. Todavia, a análise dos poemas de Amália e a abertura

de diálogo com poetas canônicos são válidas, pois nos ajudam a comprovar que a exclusão é feita por fatores extraliterários, como é o preconceito de gênero, e não intraliterários, associados ao valor estético e à temática.

Vejamos alguns trechos do poema “A Resende”, de Narcisa Amália, em que a poeta exalta a cidade onde mais viveu e que amou profundamente. Assim como Gonçalves Dias exalta a sua terra, onde as palmeiras e os sabiás são inigualáveis, Narcisa Amália canta, em seu poema de louvor, Resende, sua “éden de encantos”:

Enfim te vejo, estrela da alvorada,
Perdida nas celagens do horizonte!
Enfim te vejo, vaporosa fada,
Dolente presa de um sonhar insonte!⁷⁸
Enfim, de meu peregrinar cansada,
Pouso em teu colo a suarenta frente,
E, contemplando as pétreas cordilheiras,
Ouço o rugir de tuas cachoeiras!

Mal sabes que profundos dissabores
Passei longe de ti, éden de encantos!
Quanto acerbo⁷⁹ sofrer, quantos agrores
Umedeci co'as bagas de meus prantos!
Sem um raio sequer de teus fulgores...
Sem ter a quem votar meus pobres cantos...
Ai! O Simun⁸⁰ cruel da atroz saudade
Matou-me a rubra flor da mocidade!...

Vivi bem triste! O coração enfermo
Buscava embriagar-se de harmonias,
Porém via do céu no azul sem termo
Um presságio de novas agonias!...
O bulício do mundo era-me um ermo
Onde as lavas do amor chegavam frias...
Só uma melancólica miragem
Dourava-me a solidão – a tua imagem!

Para Sylvia Perlingeiro Paixão, os poemas de Narcisa “são expressivos do Romantismo na exaltação da natureza, nas lembranças da infância e no amor à pátria. Narcisa Amália é, por certo, um dos raros nomes femininos que falam de identidade nacional através da exaltação da terra brasileira”.⁸¹ Em “A Resende”, o eu-lírico sente-se feliz por rever sua cidade amada. A repetição do advérbio de tempo *enfim* reforça o desejo de regresso depois de tanto tempo longe: “Enfim, de meu peregrinar cansada, / Pouso em teu colo a suarenta frente, / E, contemplando as pétreas cordilheiras, / Ouço o rugir de tuas cachoeiras!”. A intimidade amorosa com a cidade e sua natureza está expressa pela personificação utilizada em “pouso em teu colo a suarenta frente”. O eu-lírico do poema consegue, finalmente, descansar em sua terra; o lugar predileto sob a metáfora do colo que o abriga e ampara.

Aos 11 anos de idade, a poeta precisou deixar São João da Barra, em função de uma doença pulmonar do pai. Transferidos para Resende, a saudade da infância e da casa onde nasceu tornaram-se objetos de sua poesia. No poema “Saudades”, está presente o tema da evocação de sua infância, tão comum aos poetas românticos brasileiros:

Tenho saudades dos formosos lares
Onde passei minha feliz infância;
Dos vales de dulcíssima fragrância;
Da fresca sombra dos gentis palmares.

Minha plaga querida! Inda me lembro
Quando através das névoas do ocidente
O sol nos acenava adeus languente
Nas balsâmicas tardes de setembro;

Lançava-me correndo na avenida
Que a laranjeira enchia de perfumes!
Como escutava trêmula os queixumes
Das auras na lagoa adormecida!

Eu era de meu pai, pobre poeta,
O astro que o porvir iluminava;
De minha mãe, que louca me adorava,
Era na vida a rosa predileta!...

Mas...

... tudo se acabou. A trilha olente
Não mais percorrerei desses caminhos,
Não mais verei os míseros anjinhos
Que aqueciam na minha a mão algenta!

A temática da infância, sobretudo da saudade da infância, é recorrente nos poetas românticos. Dessa forma, é possível e frutífero estabelecer diálogo entre Narcisa Amália e Casimiro de Abreu, autor do poema "Meus oito anos". Vejamos as primeiras estrofes desse consagrado poema de Casimiro, em que o eu-lírico lamenta a passagem do tempo, a infância querida que não voltará jamais:

Oh! Que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é - lago sereno,
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor!

Além da temática da infância, outras características românticas podem ser analisadas nos poemas de Narcisa. Paixão observa que o Romantismo

"é o momento em que o poeta investe na identidade nacional, tematizando a natureza e a pátria, enaltecendo o pitoresco, o grandioso, como forma de atrair a atenção no sentido de firmar o conhecimento da terra; é preciso tomar posse dessa terra, possuí-la, o que se dá por meio da palavra, que assume a função de guia. A poesia de Narcisa Amália reflete esse momento em que a invocação à pátria se repete incessantemente, como se mostrasse o desejo de ser levada de volta ao seio materno, numa poética uterina que imprime o retorno ao lugar de origem, a fim de buscar a sua própria identidade. O pico do Itatiaia - durante muito tempo considerado o ponto mais alto do Brasil -, a cidade de Resende, a Festa de São João, as recordações de infância, nada mais são do que complementos de uma outra temática que se alia à da pátria com a mesma finalidade: a busca de autoconhecimento que se expressa também na temática da infância".⁸²

O pico do Itatiaia, como bem observa Paixão, era tido como ponto culminante do Brasil. Este poema pertence à segunda parte do livro *Nebulosas*, cuja temática está voltada para a exaltação da terra e a relação do eu-lírico com a natureza. Os lugares onde Narcisa viveu tornam-se parte de sua poesia, em composições descritivas e laudatórias.

A grande maioria dos poemas de Narcisa inicia com uma epígrafe. Em geral, são fragmentos de poetas contemporâneos seus. Também é comum encontrarmos dedicatórias. No poema "O africano e o poeta", a dedicatória é para o jurista maranhense Dr. Celso de Magalhães. Dedicar um poema cujo tema é a escravidão faz mais sentido quando sabemos de sua história. Celso de Magalhães (1849-1879), escritor, tradutor, bacharel em Direito, foi nomeado Promotor Público de São Luís e denunciou, levando a julgamento pelo Tribunal

do Júri, D. Anna Rosa Vianna Ribeiro, esposa do influente político e médico Dr. Carlos Ribeiro (futuro Barão de Grajaú), pelo crime de homicídio de um escravo, executado a seu mando. Provavelmente por sua luta antiescravista, Narcisa, abolicionista, dedica a ele esse poema.

“O africano e o poeta” revela a consciência crítica de Narcisa sobre a importante função do poeta na sociedade, o que se repete como um refrão ao fim de cada estrofe, em forma de questionamento e resposta. O poema mostra que o poeta é aquele – talvez o único – que quer escutar os queixumes do escravo triste, sem pai, sem abrigo e sem lar (“Do triste mendigo, / Sem pai, sem abrigo, / Quem quer escutar?... / – Quem quer? – O poeta”). Também cabe ao poeta pensar, sentir a dor, enxergar, rezar etc. A construção formal do poema é elaborada e polifônica. É notável a forma como os versos dão voz ao escravo, que lamenta a sua condição, expõe a sua dor e a violência sofrida. Acompanhamos o diálogo do início ao fim entre o lamento do cativo africano que deixou sua pátria, a Líbia (– Deixei bem criança / Meu pátrio valado, / Meu ninho embalado / Da Líbia no ardor;), e o sentimento do eu-lírico testemunha da escravidão (Na lágrima ardente / Que escalda-me o rosto, / De imenso desgosto / Silente expressão;). Trata-se, pois, de sua poesia social, comprometida com a crítica, em diálogo aberto com Castro Alves, denunciando as injustiças da sociedade escravocrata e monarquista.

O poema “Perfil de escrava” também faz parte dessa linhagem de poemas reveladores de ideias libertárias e de profunda tristeza e indignação com a condição dos escravos no Brasil:

Quando os olhos entreabro à luz que avança
Batendo a sombra e a pérfida indolência,
Vejo além da discreta transparência
Do níveo cortinado uma criança;

Pupila de gazela – viva e mansa,
Com sereno temor colhendo a ardência...
Fronte imersa em palor... Rir de inocência,
– Rir que trai ora a angústia, ora a esperança...

Eis o esboço fugaz da estátua viva,
Que – de braços em cruz – na sombra avulta
Silenciosa, atenta, pensativa!

– Estátua? Não, que essa cadeira estulta
Há de quebrar-te, mísera cativa,
Este afeto de mãe, que a *dona* oculta!

“Perfil de escrava” não consta em *Nebulosas*, tendo sido publicado no jornal *O Fluminense*, de Niterói, em 1879.⁸³ Ele traz a sutileza da criação de imagens como a do despertar do eu-lírico, que vê, através da cortina transparente [“Vejo além da discreta transparência / Do níveo cortinado”], uma criança [“Pupila de gazela – viva e mansa, / Com sereno temor colhendo ardência... / Fronte imersa em palor... Rir de inocência”], provavelmente filha de escravos [“mísera cativa”]. É esse olhar observador através da janela que desencadeia toda a reflexão do eu-lírico, matéria do poema.

Como pudemos ver, Narcisa Amália foi uma figura ilustre do século XIX. Teve sua obra reconhecida por diversos membros da elite intelectual da época; publicou *Nebulosas* em uma importante editora à época, a Garnier; não teve de custear a edição, rompendo mais uma barreira; foi laureada com a “lira de ouro”; foi considerada a primeira e maior poeta da literatura brasileira; atuou em diversos jornais; inspirou muitos poetas etc. É, no mínimo, instigante o fato de hoje não termos notícia dessa poeta nem de sua obra.

Se, por um lado, os registros comprovam que as mulheres participaram ativamente do meio literário; por outro, é possível constatar que tal inserção não foi efetiva para lhes assegurar registros permanentes no cânone e na tradição literária brasileira. Por mais que tivessem conquistado espaço para expressar e divulgar sua produção literária e ultrapassado o domínio privado para transitar no domínio público, as mulheres estavam sujeitas à autoridade e ao monopólio do reconhecimento circunscritos ao gênero masculino.

O ato – tido como generoso – de ceder espaço para a expressão feminina, isto é, autorizar a sua entrada em um universo restrito, cujo domínio é masculino, além de amenizar a percepção da *violência*

do silenciamento, é perigoso por criar uma *ilusão de pertencimento*. Sendo assim, vemos que as mulheres participaram da vida cultural e intelectual na transição do século XIX ao XX, porém, sob controle dos detentores do poder. Estavam sempre à mercê da *liberalidade* masculina, para que fossem autorizadas a ingressar e a ter voz no meio literário. Os homens é que ocupavam os espaços de poder. Os homens eram os editores, que decidiam sobre as obras a serem publicadas; os formadores de opinião e os críticos literários, que avaliavam o valor das obras; os diretores dos grandes jornais; os membros da Academia Brasileira de Letras etc. – eram eles que decidiam os *instrumentos de medição* para o que era superior na literatura.⁸⁴

Então, como transformar o cenário atual dos estudos críticos de literatura escrita por mulheres, que não emprega o devido esmero ao lidar com a biografia e a obra dessas escritoras? Como superar a escassez de informações e análises de suas obras de modo a permitir, por exemplo, que uma Narcisa Amália possa compor a tradição literária romântica ao lado de poetas como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Castro Alves, em diálogo aberto e produtivo?

Narcisa Amália é citada por Bosi em *História concisa da literatura brasileira* uma única vez, na seção “Condores”, junto aos poetas Pedro Calasãs, Franklin Dória, Matias de Carvalho e outros, considerados pelo historiador da literatura como “menores e mínimos”, acusados de automatizar “certos processos de efeito como a antítese, a apóstrofe e a hipérbole” e de abusar “do alexandrino francês que a leitura de Hugo pusera em moda”. De acordo com Bosi, esses poetas – que não se alinhariam a Castro Alves – “servem de documento para a história dos sentimentos liberais e abolicionistas que, a partir de 1870, dominaram a nossa vida pública”.⁸⁵ Na *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido menciona o nome de Narcisa Amália três vezes. A primeira menção, muito rápida, dá-se na seção “Poesia participante”, na qual o crítico trata de uma geração de poetas cujo tema da poesia traz contribuições válidas. Neste contexto em que Candido analisa o surgimento de uma poesia que aborda temas “pouco sentidos pela geração anterior”, como a democracia e a liberdade, a obra de Narcisa é mencionada para mostrar que “até” ela fazia parte dessa nova orientação poética. A segunda menção ao

nome de Narcisa ocorre quando Candido a coloca ao lado de outros poetas que não se comparariam à “grandeza de Castro Alves”. E, por fim, o crítico desmerece a obra da poeta fluminense – “Narcisa Amália de Campos deve ser mencionada como exemplo típico da pessoa de aptidões medianas” –, afirmando que juízos como o de seu prefaciador Pessanha Póvoa, que exaltam a obra, são frutos de um “automatismo dos processos literários”.⁸⁶ Christina Ramalho questiona as restrições feitas por Candido em relação a Narcisa Amália. Para ela, o comentário de Candido “acaba por deixar uma impressão que não corresponde ao conjunto da obra amaliana”.⁸⁷ Dessa forma, a rejeição à literatura de autoria feminina também revela esse automatismo dos processos de construção da história literária.

Em seu roteiro da poesia brasileira, *Romantismo* (2007), Antonio Carlos Secchin produz avanços com seu esforço para incluir poetas menos conhecidos, como Francisco Otaviano, Laurindo Rabelo, Luís Gama, Trajano Galvão, Bittencourt Sampaio, Juvenal Galeno, Bruno Seabra, Pedro Luís e Carlos Ferreira. Desses poetas, foram selecionados apenas dois poemas. Os poetas consagrados Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Castro Alves têm, no mínimo, um número de poemas no roteiro três vezes maior do que o dos outros (seis ou oito poemas). Tais números garantem a permanência de um cânone cristalizado, atribuindo, dessa forma, maior valor para os poetas privilegiados. Narcisa, única poeta da antologia, tem dois poemas publicados. Os poemas “Sadness” e “Perfil de escrava” foram os selecionados para compor o roteiro, antecipados de uma curta biografia, em que o autor se refere a Narcisa como um “raro caso de poesia de autoria feminina a desfrutar de relativo sucesso no Brasil do século XIX”.⁸⁸

Embora inclua Narcisa Amália em sua antologia, Secchin não a insere efetivamente na tradição literária romântica. No Prefácio do livro, o autor analisa o estilo dos poetas selecionados, classifica suas obras em primeira, segunda e terceira geração poética romântica, comenta como esses poetas aparecem em antologias como *História da literatura brasileira* (1888), de Sílvio Romero, e *Parnaso brasileiro* (1885), de Mello Moraes Filho, considerando o papel de cada um deles na formação do romantismo brasileiro. A poesia de Narcisa

Amália não recebe comentários críticos, o estilo não é avaliado, a temática de sua lírica não é abordada, e a poeta não é inserida em nenhuma das gerações. O leitor sem conhecimentos sobre a autora continuará no território sombrio. A única menção feita à poeta é o dado significativo de que ela é incluída na antologia de Péricles Eugênio da Silva Ramos, *Poesia romântica*,⁸⁹ o primeiro a tratar da participação feminina na literatura.

Mesmo em “Esta antologia”, parte dedicada a explicitar os mecanismos de seleção por parte do organizador, não há informações sobre Narcisa, menção à sua obra, nem mesmo a justificativa sobre o porquê de inseri-la na antologia. Tais fatores nos levam a constatar uma recorrência nos estudos críticos de literatura no Brasil: nossos estudiosos de literatura não têm conhecimento sobre a literatura escrita por mulheres. Existe uma carência, um hiato nos estudos literários, que não se fecha, por conta da reprodução acrítica de modelos anteriores. Tal carência acaba por refletir no ensino de literatura brasileira, seja na escola ou na faculdade de letras, onde grande parte das escritoras não é estudada.

A reedição de *Nebulosas* traz à luz esta obra e essa escritora posta à sombra do discurso historiográfico por tanto tempo. Acreditamos que o acesso à obra lírica de Narcisa é fundamental. O leitor interessado nessa obra encontra, hoje, apenas exemplares deteriorados em pouquíssimas bibliotecas do país. Os livros críticos sobre Narcisa e as suas biografias tornaram-se obras raras, jamais reeditadas e de difícil acesso. É possível, ainda, ter acesso a esparsos poemas, encontrados em artigos acadêmicos, em *sites* de internet e na antologia de Secchin. Esperamos, enfim, contribuir com a luta e o movimento de resgate e de estudo das escritoras brasileiras, mesmo conscientes de que ainda há muito a ser feito.

Anna Faedrich